

IMPOSTURAS ALEATÓRIAS

Em abril deste ano, a Revista Adusp reproduziu poemas do cineasta cubano Tomás Gutiérrez Alea, publicados originalmente em 1949.

O livro Reflejos, edição do autor,

foi trazido ao Brasil, e

posteriormente devolvido a Cuba,

por Paulo Henrique Martinez. Para

apresentar os poemas de Alea, que

estavam perdidos em um sebo

cubano, Paulo Henrique escreveu o

artigo "Reflexos Cuba-Brasil, uma

crônica de realismo mágico". Baseado

nesta apresentação, o mestrando pelo

Departamento de Filosofia da USP,

Denilson Soares Cordeiro, redigiu uma

crônica em que ele imagina uma espécie de

conversa (quase) epistolar, muito ao sabor

daquilo que ele afirma se convencionou

chamar de "realismo mágico"

ou fantástico na literatura

latino-americana.



"¿ Por qué persistes, incesante espejo?
¿ Por qué duplicas, misterioso hermano,
El menor movimiento de mi mano?
¿ Por qué en la sombra el súbito reflejo?"

(Jorge Luís Borges, *Al espejo*,
in: *La rosa profunda*, O.E., p. 109)

"Nadie me diga que miento
Que lo prefiro de veras."
(José Martí, *Versos sencillos*,
O.E., v. 2, p. 519)

Nunca fui dado a pensar muito sobre cinema ou poesia, embora a cultura na qual me formei tenha alguma tradição nestes assuntos. Estivera durante o último mês no Brasil, participando de um congresso estudantil. Acomodei-me, de acordo com meus poucos recursos, em um hotelzinho no chamado centro velho de São Paulo. Dali não podia ver muito mais do que um caco da cidade, o que vinha a confirmar as palavras de um compositor baiano que diz que aqui (lá) tudo parece que é construção quando já é ruína. Voltei à minha Cuba. E ia mais ou menos por esta vereda a exaltação de minhas lembranças quando, já em casa, recebi um misterioso embrulho.

Na minha ausência, alguém deixara sob meus cuidados um livro que deveria ser entregue a um tal Raúl Rodríguez, de quem, no en-

tanto, jamais ouvira falar. Entre atônito e curioso, folheei a pequena brochura que atendia pelo enigmático nome de Reflejos: poemas lírico-metafísicos de Tomás Gutiérrez Alea; preparação da edição bilingüe, introdução e notas por Paulo Henrique Martinez, São Paulo, 1998. Daí foi um passo à conclusão: quanto mais procurava compreender o que acontecia, mais dificuldades pareciam se somar com a original. Do autor dos poemas só sabia que era cubano e, senão me engano, cineasta; quanto ao organizador, procurava revirar minha memória brasileira em busca de alguma reminiscência. Doce ilusão: nada surgia. O volume trazia uma dedicatória: "Para o amigo Raulito, con afecto y simpatía, Paulo Martinez. 15/maio/98".

Saí do meu quarto e fui procurar meu tio, Pino Zito, que recebera a "encomenda" na minha ausência. Chego repentino e dou de cara com a compenetração dele debruçado sobre outro livro. Indagado, a resposta é tão distraída quanto sibilina: a chanchada brasileira, de Afrânio Catani. Como a multiplicação dos reflexos em um espelho quando diante de um outro, o enigma se expandia. Meu tio contou que uma certa Ana aparecera com o dia, encantara-o com a doçura de sua voz falando sobre os lugares onde passara, deixara o livro e partira com a noite, segura de que a entrega era tão certa quanto a ternura que ainda inunda os olhos daquele velho. Pelo que disse, o casarão deste Centro Havana não poderia conhecer alubrimento maior.

As veleidades literárias de tio Pino Zito subtraíram-me por instantes da investigação. Voltei ao meu quarto, puxei uma cadeira e, da janela, dei para observar os passantes. Inconsolado, impunha a cada transeunte um desmascaramento do que ele provavelmente pouco desejara ser, buscava expurgar o tormento ante o desconhecido distribuindo e amplificando imperfeições a torto e a direito. Do outro lado da rua, pude notar um homem de uns trinta anos que parecia satisfeito, olhava a rua como se o sol, a brisa e a música destes recônditos da velha capital cubana pudessem lhe servir de alimento; do alto das janelas do Hotel Habana Libre, ele prestava especial atenção nos livros que jaziam expostos na calçada. A fumaça dos chevrolés e uma certa poeira do tempo anuviaram minha vista e não pude me impedir de perder a atenção. Paulatinamente, fui baixando a cabeça e deitei o volume no chão. Acordei já noite alta em minha cama e, não sei porque motivos, recordava-me claramente que, em sonho, comia tranqüilamente morangos com chocolate no Kopélia, enquanto lia os tais misteriosos poemas. Jamais pude encontrar o "real" destinatário daquele livro; o acaso(?) atribuíra-lhe minha estante e algum tempo depois, confesso surpreso, também a minha satisfação se viu sua tributária. E é por estas e outras que deixo, tal como o próprio livro me chegou, uma palavra de gratidão ao "deus dará", perdida, ao léu, nestas titubeantes linhas, a quem organizou e remeteu a obra até o meu regozijo: Gracias, Paulo!